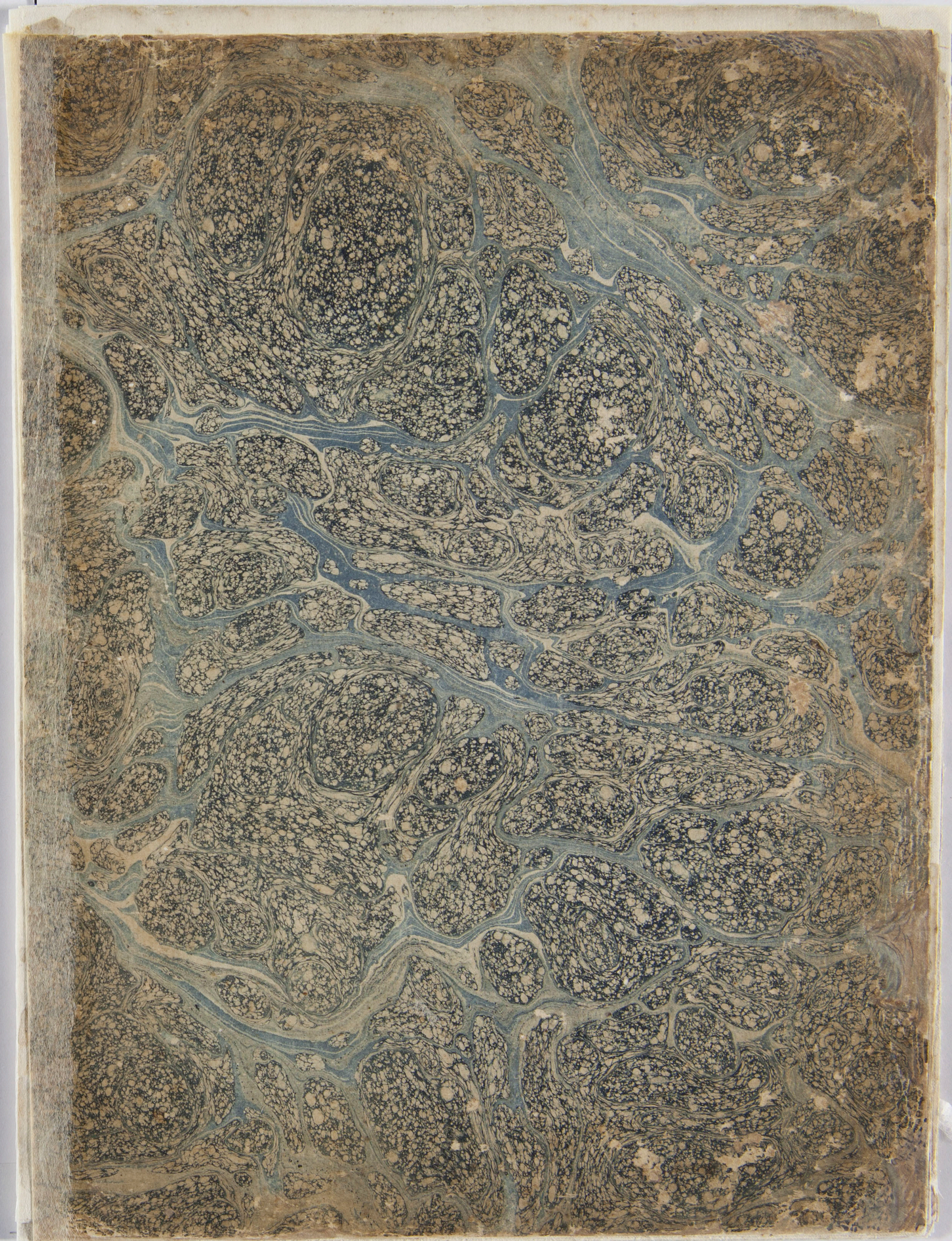






HOMILIA FUNEBRE,
PRE'GADA NA TRASLADAÇÃO
DO CORPO DE S. Magestade Fidelissima,
A MUITO ALTA
E PODEROSA RAINHA DE PORTUGAL
A SENHORA D. MARIA PRIMEIRA,
PARA A IGREJA DO REAL CONVENTO
DO CORAÇÃO DE JESUS EM LISBOA,
PELO ARCEBISPO BISPO DE ELVAS
D. Fr. JOAQUIM DE MENEZES E ATTAIDE,
PRE'GADOR DA REAL PESSOA DE S. Magestade Fidelissima,
EM 20 DE MARÇO DO ANNO DE 1822.

LISBOA:
NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,

1822.

HOMILIA FUNEBRE

PREGADA NA TRAZA DA

DO CORPO DE S. MAGISTRE HONESTO

A METO ALTA

E PODEROSA RAINHA DE TODOS

A SENHORA D. MARIA PRIMEIRA

PARA A IGREJA DO REAL CONVENTO

DO CORACAO DE JESUS EM LISBOA

PELO EXCELENTE RITO DE ELVAS

D. N. JOAQUIM DE MINISTROS E ATTOR

PRELADO DA REAL PERDA DE S. MAGISTRE HONESTO

EM 20 DE MARÇO DO ANO DE 1811

NA TIPOGRAPHIA DE ANTONIO TORRES GONCALVES

1811

H O M I L I A.

Non moriar, sed vivam.

Ps. 117

TUDO, que a natureza nos offerece de aprazível, e agradável, he passageiro, e momentaneo; e os bens, que ella nos inculca, não tem a realidade, que exige o coração humano. Os seus prazeres apenas tocam superficialmente os sentidos; e lisongeando os homens com huma felicidade apparente, não enchem o vazio, que todos sentem no seu espirito.

Ou consideremos a fortuna dos homens, ou o incerto movimento das cousas, nada tão fragil como a vida, nada mais inquieto, que o progresso dos nossos dias. Sempre sujeitos a cuidados inuteis, e superfluos, vivemos dias amargos entre lagrimas, e suspiros. O estado da vida presente nos afflige, a memoria do passado nos entristece, e a esperanza do futuro nos inquieta. As misérias, que respiramos, e as dores, que nos atormentaõ, bem mostraõ, que a

I *

nossa vida tem o seu principio na cegueira, nos tormentos o seu augmento, nas afflicções o seu termo.

Que dia jamais houve para os homens, em que experimentassem allegria sem tristeza, e tranquillidade sem desgosto? Nenhum viveo satisfeito desde a manhã, que não fosse perturbado antes da noite! Oh! tempo momentaneo, e fugitivo! tempo de afflicção, e miseria! Ah! como allucinas o homem na fruição da sua vida!

A nossa vida, Amados Filhos, he como hum mar tempestuoso, que agitado pelos ventos contrarios das cousas humanas, e cercado de tantos escolhos, quantos são os tropeços da fortuna lisongeira, e arriscada, torna mais perigosa a sua navegação, e passagem: e assim como he raro o que escapa do naufragio; assim he difficultoso fugir aos golpes daquella fortuna cruel, que exercendo hum rigoroso despotismo sobre todas as jerarchias dos homens, destroe com a mortalidade da vida humana os Thronos, os Sceptros, e as Corôas, sem poupar os cajados, as choupanas, e os presepios.

Huma vida cheia de trabalhos, atormentada pelas dores, esgotada pelas angustias, estragada pelos excessos, macerada pelo jejum, consumida pela tristeza, soberba pelas riquezas, desprezivel pela indigencia, arrogante na mocia-

dade, incurvada na velhice, arriscada pelas enfermidades, e terminada pela morte, he mais huma cadêa de misérias, do que huma successão de prazeres. São tantos os males, que a cercaõ, que a morte parece mais remedio, do que pena: (1) porque, a não ser a brevidade da sua duraçaõ, ella seria insupportavel a todos os homens. Que outra cousa he o viver muito, senão ser atormentado muito? (2) Existimos para soffrer, e não existimos para gozar; e sendo maior a duraçaõ do tormento, que a duraçaõ do prazer, vivemos sujeitos a hum cruel dissabor, tanto mais desagradavel, quanto mais necessario.

Se consideramos aquellas enfermidades moraes, que chocando o nosso espirito, entendem com a nossa existencia, encontramos hum abysmo de desordens, aonde se perdem os nossos dias. As intrigas, e os testemunhos; os aleives, e as calumnias; os falsos irmãos, com os amigos perfidos; os fanaticos, com os hypocritas; os libertinos, com os espiritos fortes; os avarentos, com os usurarios, formaõ hum terrivel esquadrão de inimigos, que atacaõ de momento a momento a existencia da vida humana. Qual será o termo de

(1) Tantis malis hæc vita repleta est, ut comparatione ejus mors remedium putatur esse, non pœna. Ambros. Serm. de Quadrages.

(2) Quid est diu vivere, nili diu torqueri? Aug. Serm. 17 de verb. Dom.

tantos males? Vida, que foge como a sombra, e desaparece como o relampago, não he vida, he illusão. Existencia, que subsiste do trabalho, e da miseria, não he existencia, he anniquilação; e se o homem foi creado para ser feliz, devemos acreditar ser outro o seu destino, e ser outra a sua vida.

O' Morte, como he bom o teu juizo! (1) Semelhante ao General, que derrotando crueis inimigos, offerece huma paz gloriosa; tu, cortando o fio de tantos males, que destroem a vida humana, offereces aos homens huma paz duradoura sem perturbação, nem limites. (2) O piloto, que no meio de perigosas borrascas navega por entre cachopos, e salvando a embarcação do naufragio vai conduzilla ao porto do seu destino, he imagem daquella industria, com que tu, livrando os homens deste mundo fluctuante pela sua inconstancia, terrivel pelas suas desgraças, e insupportavel pelos seus males, vas conduzillos a huma eternidade feliz, aonde a noite não he conhecida, e o Sol não tem occaso. (3) Porque motivo es temida dos homens? Ah! Deixa esse funebre apparatus, rompe esses emblêmas assustadores: se tu es a conductora da especie

(1) O' mors! bonum est judicium tuum. Eccles. 41.

(2) Veniat pax, requiescat in cubili suo. Isai. 57

(3) Apocal. C. 21.

humana para huma vida de prazeres eternos, veste a gala da pompa, e do triunfo, ornamento proprio dos libertadores dos homens.

A morte não he morte para o homem justo: tem o nome; mas não tem a propriedade (1). Ella he a consummação da victoria, e a porta, por onde entramos na vida de perfeita segurança. (2) Que perde o homem com a morte? O mundo vacillante para ganhar huma felicidade sem termo? A cegueira para gozar huma luz inextinguivel? E a corrupção para ser immortal, e incorruptivel? (3) Assim como a tela he infundida na tinta para receber huma cor mais agradavel, e lisongeira; assim o homem he precipitado na morte para se vestir de immortalidade e gloria. (4) Se não consideramos destruido aquelle bronze, que o fogo derrete para formação da estatua, porque vai receber outra melhor forma; tambem não devemos julgar destruido o homem, que a morte ferio; porque vai receber a immortalidade gloriosa. (5)

(1) *Piis mors ultra non est mors; sed nomen tantum habet mortis: imo et ipsum nomen sublatum est.* Chrys. super Matth. C. 10.

(2) *Pretiosa mors sanctorum, pretiosa tanquam finis laborum, tanquam victoriæ consummatio, tanquam vitæ janua, et perfectæ securitatis ingressus.* — Bern. Serm. —

(3) *Ans. med.*

(4) *Chrysost. in Matth. C. 20.*

(5) *Idem eod. loc.*

Que ! Vacilla a vossa fé ? Oppõe-se a vossa razão ? Dizei-me : Seremos como aquelles brutos, que se anniquilaõ com a morte ? Naõ teraõ premio as nossas obras, ou seremos algumas machinas destructiveis, que pensamos sem espirito, fallamos sem alma, e obramos sem destino ? Naõ confundamos a nobreza da especie humana com esses entes irracionaes, que terminão com a morte o serviço, para que foraõ creados. A alma, que existe dentro de nós, assim como he nobre na sua essencia, assim he nobre no seu destino. Existe para merecer, e merece para ser feliz : e naõ encontrando no mundo a felicidade, de que he capaz, he necessario existir huma gloria, que encha o vazio, que ella sente.

Como vos farei conceber esta verdade ? Figurai, que todas as agoas dos rios, das fontes, e das ribeiras, com todas as que chovem do Céu, se vaõ recolher ao mar ; e que este sobrepujando as montanhas mais elevadas do Universo, inunda em hum momento toda a superficie da terra : o coração do homem he maior, que tudo isto. Ajuntai todas as honras e prazeres, todas as fortunas e riquezas, todos os reinos ou monarquias, e entregai-as a hum só homem : vereis, que naõ vive satisfeito ; porque tem mais a desejar. Renovai esta experiencia tantas vezes, quantas saõ as estrellas, que brilhaõ no

Céo, e as arêas, que apparecem nas praias; outras tantas o vereis como no seu principio. E se fosse possível realizar tantos mundos, quantos Alexandre sonhava, para satisfação daquelle homem, elle confessaria huma escassez no meio daquella abundancia, e huma fome insaciavel de maiores bens, e de maiores fortunas. (1) Oh! grandeza do coração humano! Taõ pequeno na quantidade, e taõ insaciavel nos desejos! Assim como o vazio da cêra, quando se lhe imprime o sinete, não he possível encher-se sem que se applique o mesmo sinete: assim o vazio do nosso espirito não he possível encher-se sem a posse daquelle Deos, que o sellou com a sua imagem, e semelhança. Devemos pois concluir, que o estado da vida presente he huma situação violenta, em que o homem tem sempre as mãos vazias, a alma afflicta, e o coração inquieto.

Triste, e sombrio Mausoleo, para que occupas a melhor parte do Templo?... Pavorosa, e melancolica Pyramide, com que ousadia te elevas a tocar as abobadas do Sanctuario? Se queres occupar com propriedade o logar santo, rompe essas negras vestiduras, enganos meditados pela falsa preocupação dos homens: apaga esses lumes funestos, arranca os cyprestes, risca os epitafios, e não envolvas em negro véo

(1) S. Thom. 12. q. 8.

esses mirrados despojos de huma morte, que não he morte. Abre essa urna, e mostra ao mundo inteiro as grandes virtudes, que merecêraõ a vida perenne, que goza na Bemaventurança a Muito Alta, e Poderosa Rainha de Portugal a Senhora D. Maria Primeira.

Amados Filhos, eu não quero penetrar os inscrutaveis Juizos de Deos. Só elle he o Juiz Imparcial das nossas almas, e o Justo Appreciador da nossa virtude: mas louvar aquellas obras, que foraõ admiraveis operações da sua Graça, he glorificar a Deos nos seus santos, e animar os homens ao exercicio das virtudes. Prevenir a decisaõ infallivel da Santa Igreja, não he usurpar a jurisdicçaõ, com que ella define a santidade dos seus filhos; e dizer, que goza de Deos, quem sempre viveo com Deos, he fallar com o meu Grande Agostinho, quando disse = *Não pôde morrer mal, o que sempre viveo bem* = (1) Se a morte do justo he boa pelo descanso, melhor pela novidade, e optima pela segurança, (2) que devemos julgar da morte de Sua Magestade, cujas virtudes não foraõ equivocadas, cujo exemplo foi edificante, e cuja vida foi religiosa?

(1) Non potest male mori, qui bene vixit. Aug. de Doctr. Christ.

(2) Bona mors justì propter requiem, melior propter novitatem, optima propter securitatem. Bernard. in Citat. Serm.

A observancia da Lei he a porta, que Deos abrio para entrarmos na vida eterna. (1) Se meditarmos nas religiosas acções de S. Magestade, encontraremos aquella virtude, que caracteriza huma alma justa: e então diremos, que a Senhora Dona Maria Primeira vive agora com mais propriedade, do que viveo tantos annos entre os homens.

Os paizes estereis são ricos, quando fazem commercio com os abundantes: as nossas almas adquirem virtudes, quando abrem commercio com o Céu. A oração he o meio de communicar a Deos; e tanto mais fervorosa he, quanto mais a alma se enriquece. S. Magestade nos differentes estados da sua vida não deixou de procurar o retiro para fazer oração a Deos; e recebendo d'elle graças, que lhe illustravaõ o entendimento, e lhe inflammavaõ a vontade, tractava o mundo com virtuosa indifferença, e fallava com Deos no interior do seu espirito. Não julgueis, que vos fallo de huma oração froxa, esteril, e ociosa: quando vos represento esta Soberana Rainha com os joelhos dobrados beijando a terra, derramando lagrimas, e adorando a Jesus Christo, deveis considerar n'Ella hum espirito inflammado, e hum coração com-

(1) Si vis ad vitam ingredi serva mandata. Matth. C. 19. 17.

pungido. Podesse eu representar-vos aquelles piedosos affectos, que Ella desenvolvia neste acto edificante! Verieis, como em Agostinho, hum desejo ardente de conhecer a Deos para o amar, e de se conhecer a si para se desprezar. (1) Verieis huma pobreza de espirito, e huma abnegação da vontade, huma ancia de padecer em Christo, e hum protesto de lhe agradar sempre: verieis finalmente colloquios tão amorosos como ternos, suspiros tão devotos como penitentes, e lagrimas tão compungentes como sinceras. Se eu não entrei no interior do seu retiro, ouvi com edificação estes piedosos transportes; e assim como em outro tempo os recebi de quem mais perto os conheceo, assim agora os communico para consolação dos que me ouvem.

Se o jardineiro, conduzindo agoas por diferentes regos, matiza de flores o seu jardim, Maria Primeira, attrahindo do Céu diferentes Graças, enriquece de virtudes seu Magestoso Espirito. Porém estas virtudes não são como plantas estereis, que desafogando em folhas, não produzem fructos; são abundantes nos seus effeitos, e fecundas nas suas obras.

Ah! como se illudem aquelles, que oran-

(1) Noverim te, noverim me, ut amem te, et contemnem me. Aug. Conf.

do poucas vezes, julgaõ alcançar a perfeiçaõ do espirito! A aguia, que interrompidamente deixa os óvos, não gera filhos por falta de calor; e o que não óra incessantemente, não gera virtudes, que o sanctifiquem. (1)

Talvez que se julgue impossivel, ou difficultoso, que huma Rainha no temulto da Corte, e na administração do seu Reino, fosse taõ perseverante na communicacão com Deos. Deveis persuadir-vos, Amados Filhos, que nem lhe foi impossivel, nem difficultoso. Não he necessario fallar, para que Deos nos ouça. Elle mais attende o coração, do que o lugar. Jeremias foi confortado no carcere, assim como Daniel no lago dos leões. Os Mininos de Babilonia triunfáraõ do fogo, assim como Job no centro das immundicias: e o bom Ladraõ orou da Cruz, e da Cruz alcançou a gloria. (2)

A Magestade desta Augusta Rainha no Throno, ou nas Audiencias; no Despacho, ou nos Conselhos, sempre fallava com Deos; porque não ha logar, aonde não esteja Deos. Daqui vem aquelle magestoso character, e compo-

(1) Oportet sempre orare, et non deficere. Luc. C. 18.

(2) Hieremias confortatur in carcere, Daniel inter leones exultat, tres pueri in fornace tripudiant, Job nudus in sterquilinio triumphat, paradisum de Cruce latro invenit, non est locus ubi non sit Deus, Aug. Serm. de Quadrg.

sição de costumes, que sempre distinguio a sua edificante carreira. A ociosidade nas palavras, a ligeireza nos pensamentos, e o descuido nas conversações nunca manchárao o seu espirito; porque assim como as pombas são mais frequentes aonde correm agoas puras, e crystallinas, assim esta Piedosa Rainha era habituada a pensamentos santos, e a cogitações honestas. (1)

O' Geração perversa, sempre perdida no labyrintho da calumnia; porque sempre conduzida pela cegueira da malicia! Estuda este quadro de perfeição, que a Mão de Deos pintou no coração innocente de tão Augusta Rainha. Recolhe no teu espirito aquelles persuasivos exemplos, com que te ensina a pensar em Deos, para nunca julgaes mal dos homens. Lembra-te que os architectos da mentira mordem os beiços para realizarem a maldade: (2) e se o veneno da serpente, sendo vida para ella, não deixa de ser morte para muitos, as calumnias, e os máos juizos, sendo o bem-estar do vosso coração perverso, não deixaão de ser veneno para os outros. (3) Os que pensão mal do proximo

(1) Sicut columbæ limpida solent frequentare fluentia, ita cogitationes . . . mentem castam spirituales sanctificant Bed. de Templ. Solom.

(2) Qui attentis oculis cogitat prava, mordens labium suum perficit malum. Prov. 16.

(3) Aug. de Salut. docum. §. 34.

saõ aborrecidos de Deos: (1) e os que pensão na sua Lei saõ os limpos do coração destinados para a gloria. (2)

Assim como a flor nas arvores he precursora dos fructos, assim os honestos pensamentos de S. Magestade saõ annuncios da sua vida perfeita, e ajustada. A Purpura Real, que vestia, não lhe servio de estorvo para aquellas mortificações christãs, com que macerava o corpo, e acautelava os sentidos. Muitas vezes o Manto Real esconde aos nossos olhos aquellas virtudes, que não existem debaixo de grosseiro, e romendado burel: e nos Palacios dos Reis encontra-se huma perfeição, que nem sempre apparece nas grutas dos Monges, e nas cóvas dos Anacoretas.

A Casa Real dos Nossos Monarcas foi sempre como hum viveiro de virtuosas plantas, que transplantadas em differentes terrenos, fizeram huma admiravel propagação da virtude. Assim se propagou em Estremôz por huma Isabel, em Célas por huma Sancha, em Aveiro por Joanna, em Lorvão por Tereza, e em Arouca por Mafalda. Se estas Bemaventuradas Princezas foraõ ramos do mesmo tronco, a nossa Real Heroína, como filha da mesma raiz, nasci-

(1) Abominatio Domini cogitationes malæ. Prov. 18.

(2) Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt. Matth. 5.

da no mesmo terreno, e vegetada com o mesmo succo; porque não brotaria as mesmas flores, e não produziria os mesmos fructos? O Sangue daquellas Princezas misturado com as suas virtudes correo em abundancia para as vêas de S. Magestade, a formar nella hum coração tão amante, como penitente.

Quanto me enternecem aquellas mortificações activas, com que esta Augusta Princeza castigava seu delicado corpo! A abstinencia, e o jejum, assim como era dictado pela Religião, assim era observado por S. Magestade. A' maneira daquelle, que arrancando os espinhos do campo, vai cortar a terra com o arado, para que lançando-lhe a semente, recolha fructos mais abundantes, assim esta Piedosa Rainha, cortando em si tudo quanto he defeituoso, recebe a palavra de Deos, e prepara no seu espirito huma producção admiravel de virtudes. A pureza de Coração, a innocencia de costumes, aborrecimento ao peccado, exercicio das obras santas, vontade de agradar a Deos, protecção ao opprimido, justiça aos pupillos, e ampáro ás viúvas, são virtudes de S. Magestade, que obriga a Deos a conferir-lhe o premio. (1)

(1) Lavamini, mundi estote, auferte malum cogitationum vestrarum ab oculis meis, requiescite agere perverse, discite benefacere: querite judicium, subvenite oppresso, iudicate pupilo, defendite viduam, et venite, et arguite me, dicit Dominus. Isa. C. 1.

Se haveis admirado hum coração penitente, admirai agora hum coração amante. Para Deos, que está em toda a parte, e todo em qualquer lugar, só podemos caminhar com as nossas obras, e não com os nossos pés, diz o meu grande Agostinho: estas obras serão boas, se nascerem de amor honesto; serão em fim reprovadas, se procederem de amor profano. (1) Não podemos logo duvidar, que aonde apparecem as boas obras, ahi reina o amor de Deos; e o que observa a sua lei, vive com Deos, e Deos com elle. (2)

Vós, conhecendo a fidelidade, com que a nossa Rainha guardava a Lei Divina, conhecereis o amor, com que amava a Deos. Assidua nos seus louvores, devota na Igreja, frequente nos Sacramentos, timorata na consciencia, fervorosa no espirito, e grande na piedade, só por Deos tudo fazia, e só por Deos tudo amava. Era tão nobre este amor, que, assim como o ferro, e o aço, superior na dureza a outros corpos, he vencido pelo diamante, assim o amor dos filhos em Sua Magestade era vencido

(1) Ad Deum, qui ubique præsens est, ubique totus est, non pedibus licet ire, sed moribus... nec faciunt bonos aut malos mores, nisi boni vel mali sint amores. Aug. Epist. ad Maced.

(2) Gregor. in Moral.

pelo amor de Deos, quando se oppunhaõ os deveres, ou não se combinavaõ os officios.

Quantas vezes se humilhava aos pés do Confessor, e quantas se accusava! Que afflicções, que seccuras, e que anxiedades! Involvida em negocios politicos do seu Reino, necessitada a decidir do merecimento dos homens, a distribuir os premios, a decretar a pena, a escolher os Ministros, e a prover as Igrejas, que sustos de faltar á justiça, e que temores de não agradar a Deos! Os conselhos das pessoas virtuosas, as consultas de Ministros imparciaes, e as preces com as orações a Deos, bem mostraõ a pureza daquella alma, que não queria errar, porque não desejava peccar; e não queria peccar, porque sempre queria amar.

A mordacidade dos homens he filha da sua malicia; e quando ella não poupa hum Deos perfeitissimo nas suas obra, como ha de poupar os Monarchas sujeitos ao erro, e ao engano? Embora os successos não correspondessem aos fins; Sua Magestade nem perde o merecimento, nem o valor das suas virtudes. Quando a intenção he boa, Deos não faz cargo do máo successo de taes operações; (1) porque, assim como o edificio he firmado sobre as columnas,

(1) Quomodo feceris, non quomodo illi evenerit, tibi imputabitur.
Aug. in Matth.

e as columnas sobre as bases, assim o edificio das boas obras he firmado nas virtudes, e as virtudes na intenção (1).

Eu contesto o Reino de Portugal e Brazil, e notifico os habitantes da Asia, quando duvidem das purissimas intenções de Sua Augusta Rainha. Inflammado no amor da verdade, todo eu serei fogo para consumir aquelles, que pretenderem denegrir a virtude de tão Religiosa Princeza. A vontade ou he remunerada pelo bem, que deseja, ou he condemnada pelo mal, que appetece: e como as obras dão a conhecer a vontade, existe vontade santa, aonde apparecem obras boas. (2)

Que brilhante perspectiva se offerece ás nossas vistas! Se a arvore coberta de folhas, brotando flores, e produzindo fructo, não accusa vicio na raiz, a Real Heroína, desenvolvida em boas obras, applicada ao bem do proximo, e sempre attenta á Lei de Deos, como podia ter vicio na vontade? Huma Princeza Herdeira do Throno, que olha o esplendor do Sceptro, e a grandeza da Corte, como tropêços da virtude, e precipicios da innocencia, pensa mais na hu-

(1) Greg. in Moral.

(2) Voluntas autem est, quæ aut remuneratur pro bono, aut condemnatur pro malo. Opera autem testimonia sunt voluntatis. — Chrysost. super Matth. —

mildade do coração, do que na louca vaidade do seculo. Não foi outra a conducta da nossa Augusta Rainha. O dia da sua Acclamação foi hum dia de lucto, e amargura para Ella. O contentamento do Povo, e a magnificencia do apparato, não lhe fazia esquecer a responsabilidade tremendissima de tão excelso emprego. Nos rubins, que esmaltavaõ a Coroa, considerava o sangue, que o seu coração derramaria no penoso sacrificio do seu Governo. Nos brilhantes as lagrimas, que deveriaõ correr dos seus olhos, e na circumferencia o continuado gyro dos maiores trabalhos, e angustias. O Manto Real já pezava nos seus hombros: a Corte no seu maior luzimento a espera, e o Povo transportado em jubilo a deseja: Que!... Demorase a Acclamação!... A Princeza não apparece!... Ah!... de fallecendo com aquellas meditações, que pezando-lhe na consciencia, faziaõ arriscado o seu destino, suspende os passos, despe o Real Manto, e prostrando-se em terra, recusa aceitar a gloria do Throno, e o Governo da Monarchia. Foi necessario que a Religião fallasse pelo seu Ministro, para que a obediencia á voz de Deos fosse o principio do seu Reinado. O's Grandes, e Poderosos do Mundo, que fazeis a guerra, e a mortandade para dominar os homens com oppressão, e tirannia, que exemplo mais severo para confundir, e reprehender as

vossas intoleraveis emprezas! Assim como o Sol, apparecendo em claro, e sereno horizonte, faz renascer as plantas, e reanimar as flores, que o inverno sombrio, e rigoroso amortecêra, assim esta incomparavel Rainha elevada ao Throno dos seus Maiores, satisfaz as dividas de seu Augusto Pai, restituindo a vida aos que morrião de fome, e reanimando outros, que desfallecião á miseria. A primeira voz, que sôa aos ouvidos do seu Povo, he a voz da clemencia, e do perdão; porque sem offensa da justiça, ou da Lei, Ella começa o seu Reinado, perdoando aos culpados, e desertores. Sempre inimiga de sangue, e sempre inclinada ao perdão, quantas vezes perdoou aos réos, e a quantos perdoou a morte!

Naõ penseis, que a justiça, e a clemencia são virtudes incompativeis. Ninguem tão justiceiro como Deos, e ninguem tão clemente como elle. O mesmo Deos, que fustigou os profanadores do Templo, foi quem perdoou á mulher adultera: a differença dos objectos, e a variedade das circumstancias, dá lugar á clemencia, sem que a justiça se offenda. E assim como naõ he louvor para o medico os muitos enfermos que morrem, nem para o cirurgião os muitos braços que elle corta, assim naõ he louvor para o Rei os muitos castigos que manda, nem os muitos cadafalsos que levanta. A

nossa Augusta Heroína de tal forma combinava os officios, que nem a justiça se offendia, quando perdoava, nem a clemencia, quando castigava.

He mui rara a politica, em que não entra a malicia, e o engano; e os homens de estado sem attenção á justiça, e á fé publica, julgaõ por licito o que he conveniente á sua conservação, e augmento. Principio funesto, que tem sido a ruina dos estados e a causa da perturbação publica! O Lavrador, que quer fazer lenha para seu uso, não corta a arvore pelo tronco; póda os ramos de tal maneira que elles possaõ brotar com força, para que, vestidos de novas folhas, continuem a produzir seus fructos. Pelo contrario o malvado rendeiro, cortando arvores, e arrancando cepa, cuida em desfructar a herdade pelo tempo, que a arrendou; e deixando-a calva, e sem cultura, a torna inutil ao seu dono. Tal he a differença entre o falso, e verdadeiro politico. Este aconselha os tributos sem oppressão dos Póvos; aquelle empobrece o Povo, para enriquecer o thesouro. Mas não, não foraõ estes perfidos Conselheiros, que assistiaõ ao Throno da minha Piedosa Heroína. Verdadeira Mãe dos seus subditos, nunca os opprimio com tributos, e nunca os vexou com impostos. Antes, taõ generosa, como liberal, perdoou certos direiros aos pescadores: o que fazendo augmen-

tar a industria, fez tambem augmentar a receita. (1)

Este coração terno, e compassivo deixaria de receber os gritos desses membros dolorosos de Jesus Christo? Ah! Não. Ella recebe no seu peito os gemidos dos enfermos, e os suspiros dos agonizantes. Vai, apressa-se, e estende os braços para amparar os edificios da piedade publica. Isempta os hospitaes de todo, e qualquer tributo, (2) e augmenta as suas rendas com os legados não cumpridos. (3) E para que estas victimas de dôr, e soffrimento sejaõ soccorridas espiritualmente quando, abandonadas da arte, e da natureza, entraõ nos ultimos parocismos da vida, estabelece hum decente patrimonio para sustentar os Ministros, que devem assistir aos moribundos (4).

Assim como os montes liberalizaõ as agoas, que geraõ nas suas entranhas, para matarem a sede nos valles, vestirem as arvores de folhas, e matizarem os campos de flores, assim esta piedosa Rainha liberalizou graças, e beneficios para salvar huns, e acautelar outros.

A honra da incauta donzella, que o vil

(1) Alvará de 1792.

(2) Alvará de 6 d'Agosto de 1777.

(3) Bulla — Dives ni misericordia — expedida á Sua Real instancia.

(4) Padraõ de 4:000\$000 aos Padres Camillos

seductor offendeo, he vingada, e resarcida com as sabias providencias, que decretou. (1) Essas infelizes, expostas, e abandonadas pelo crime de seus pais, achão nas suas Leis todo o asylo, e protecção. (2) Para outras, que separadas do mundo procuraõ a perfeição, e a virtude, levantou este magestoso edificio como singular objecto dos seus mais ternos cuidados. (3) O orfão sem pai, nem abrigo, e a orfã sem mãe, nem tutor, recebe na casa pia a conveniente educação, que esta Augusta Rainha tão sabiamente preparou. (4) E se quereis mais provas da sua benefica providencia, vede como doou piedosa a Santa Casa do Rego para receber penitentes, que se convertiaõ a Deos. (5) Vede essas honestas viúvas, a quem distribuia as esmolas, para acautelar nas filhas a queda e o precipicio. Vede como abriu os celleiros para acudir aos Lavradores, que perdêraõ as searas com as inundações do Tejo. Vede como despedaça os ferros do mais vergonhoso captiveiro, resgatando os captivos das masmorras de Argel. Vede o que, amados filhos? Vede finalmente na vossa Rainha huma caridade sof-

(1) Alvará de 6 de Outubro de 1784.

(2) Alvará de 12 de Fevereiro de 1789.

(3) Fundação do Convento do Coração de Jesus.

(4) A Casa Pia do Castello de S. Jorge.

(5) Doação da Casa do Rego para Recolhimento de Convertidas.

fredora sem cobardia , affavel sem baixeza ,
 imitadora sem inveja , industriosa sem obrar
 mal , sublime sem amor proprio , abundante sem
 ambição , cheia de merecimento sem procurar
 o que he seu , sévêra contra a maldade sem ir-
 ritar o espirito , castigadora do crime sem pen-
 sar na malicia , tolerante nos defeitos sem se
 alegrar com o vicio , gostando da verdade e sof-
 frendo contradicções , acreditando os Myste-
 rios , e esperando os bens futuros. (1) Quem
 promoveo a observância regular nos Mosteiros ,
 e quem impetrou as Bullas para reduzir seus
 encargos? (2) Quem desencarregou a conscien-
 cia dos que não cumpriaõ os legados , e quem
 fez expedir faculdades para a reducção das Ca-
 pellas? (3) A instrucção do Clero , a vocação
 dos Ordinandos , e a reverencia nos Templos ,
 assim como eraõ objectos da sua Real Piedade ,
 assim foraõ materia dos seus religiosos Decretos.
 (4) E se a reedificação das Igrejas de S. Ju-

(1) Charitas patiens est , benigna est ; non æmulatur , non agit per-
 peram , non inflatur , non est ambitiosa , non quærit quæ sua sunt , non
 irritatur , non cogitat malum , non gaudet super iniquitate , congau-
 det autem veritati : omnia suffert , omnia credit , omnia sustinet. — S.
 Paul. Epist. ad. Cor. 13.

(2) Meza do Melhoramento das Ordens Regulares.

(3) Bulla expedida a Sua Instancia para os Bispos reduzirem os en-
 cargos dos Morgados.

(4) Carta Regia de 9 de Outubro de 1789.

liaõ em Setubal, e de Santo Antaõ na Madei-
ra, com outras das Tres Ordens Militares; se
as dotações outorgadas ás Religiosas de Carni-
de, (1) e ás Commendadeiras da Encarnação,
(2) não são ainda bastantes para vos persuadir
da liberalidade, grandeza, e piedosa vontade
de taõ Augusta Rainha, fallai vós, oh filhas,
e viúvas desses briosos Militares, que servindo
a Patria com denodado valor, morrião pobres,
sem patrimonio; sim, fallai, e dizei: quem vos
matou a fome, e quem vos cubrio a nudez?
Não foi esta Magestosa Princeza? (3) A ella
deveis aquelle militar subsidio, com que se acau-
tela a honestidade de humas, e a innocencia das
outras.

Ah! se o meu Apostolico Ministerio não
fosse limitado ás religiosas virtudes de Sua Ma-
gestade, eu não só vos fallaria da consummada
politica, com que dirigio os negocios nos tem-
pos mais difficultosos da Europa, conservando
harmonia com as Potencias Alliadas, e fazendo
tractados de commercio, e amizade com a Hes-
panha, Russia, França, Inglaterra, Sardenha,
e Hollanda; mas até vos lembraria essa Aca-

(1) Quarenta mil cruzados, Padraõ de juro ás Carmellitas Descal-
ças de Carnide.

(2) 1200000 a cada Freira, e 600000 a cada Moça do Côro.

(3) O Monte Pio Militar.

demia Real da Marinha, essa Aula do Desenho, a dotação da Academia Real das Sciencias, a creação da Livraria Publica, o Conselho do Almirantado, as Leis sobre os mendigos, e ociosos, a construção de faróes para os navegantes, o augmento de soldo á tropa, a protecção das letras, a prosperidade do commercio, as estradas, os Arcenaes, as Armadas, e as Cordoarias. Porém só vos devo assegurar, que a abundancia fez a gloria dos seus dias, e a paz a coroa do seu Reinado: e que ella, perdoando culpas a huns, e declarando a innocencia de outros; abrindo a estes os carceres, e quebrando áquelles os ferros; restituindo o pai a seus filhos, e os maridos a suas mulheres, foi a bemfeitora dos pobres, o apoio das viúvas, a tutora das orfãs, o asylo dos miseraveis, o escudo da piedade, a protectora da Religião, e a Mai carinhosa dos seus subditos.

Oh! escassêza da comprehensão humana! Que não podes tocar as virtudes reconditas em tão virtuoso espirito! Quanto falta por dizer, e quanto falta por comprehender!

Santissimo Coração de Jesus, Arca, aonde se recolheo esta Pomba, para fugir ao lôdo, que deixou o universal diluvio, mostrai-nos aquella exemplar devoção, e aquelle terno amor, que tanto a inflammava: não occulteis os amorosos affectos, com que ella gemia, e suspi-

rava por se unir com vosco. E se não quereis rasgar o véo impenetravel de tantos segredos, permitti, Senhor, que eu diga sem offensa da verdade, que esta Rainha de Portugal nasceo para vos amar, amou para vos servir, e servio para vos agradar, e cahindo em deliquio de amor, chegou a enfermar de amor. (1.)

Portuguezes, vós não duvidais das virtudes christãs da vossa edificante Rainha, não duvideis por tanto da sua gloria; porque o Throno de Deos he para aquelles, que vencêrao as difficuldades na observancia dos preceitos. (2) Eu a considero illustrada com a formosura de Deos, vestida da Santidade Divina, cheia da sabedoria infinita, affagada pela felicidade eterna, e unida com Deos de tal maneira, que assim como o ferro abrazado no fogo não deixa distinguir huma substancia da outra, assim Ella unida com Deos parece huma só cousa. Nunca taõ Rainha como agora: Coroa, que a immortalidade formou, Sceptro de perpetuidade eterna, e Throno de gloria sem fim, são as Insignias Reaes, de que a considero revestida. Os Anjos com os Arcanjos, os Patriarchas com os Profe-

(1) Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo. Cant. C. 2.

(2) Qui vicerit, dabo ei sedere mecum in throno meo. — Apoc. C. 3.

tas, e os Martyres com todos os Santos, formaraõ a grandeza da sua Corte, assim como todas as creaturas lhe faraõ contentes o serviço. Foi necessario deixar a massa fria, e pezada de hum corpo formado da terra, para subir á gloria, premio das suas virtudes.

Estas virtudes, amados filhos, são respeitadas do Ceo. Sim, não o duvideis. Não foi o acaso, que trasladou para este Lugar Santo o Real corpo de Sua Magestade. Deos, fechado entre as nuvens, não terá consideração ao que succede no meio de nós? (1) Eu não posso deixar de vos dizer, que a immensa distancia, que nos separa da sua magestosa habitação, não embaraça, que elle veja, e ordene as disposições dos homens, ou seja na ordem fysica, ou na ordem moral das cousas: porque se não he injurioso a Deos ter formado o homem do pó da terra, tambem lhe não he injurioso reger o homem nos seus destinos. (2)

Por tanto todos os successos extraordinarios, e portentosos, que apparecem entre os homens, são guiados por aquelle Deos, sapientissimo em seu governo, admiravel nos seus effeitos, e amoroso nas suas disposições.

(1) Quid novit Deus? Nubes latibulum ejus, et nostra non considerat? Job. C. 22.

(2) Si injuria est regere, multo magis injuria est fecisse. Ambros. de Offic. C. 26.

Quando vemos estas respeitaveis reliquias depositadas neste Templo, devemos persuadir-nos, que Deos, facilitando os meios, accelerando o momento, e dispondo as cousas, quiz por caminhos indirectos satisfazer os desejos daquella, que empregando a sua vida em o amar, e servir, queria o seu corpo depositado no lugar, que dedicou á gloria, e honra do mesmo Deos. Os mares, esquecendo-se da sua braveza, e os ventos reprimindo seus furiosos impetos, obedecêraõ áquelle Deos, que lá do outro hemisferio fez conduzir sem perigo este presioso Deposito.

Recebei-o pois, Oh Esposas do Cordeiro sem mancha, e dignas filhas de taõ Augusta Mãi, recebei-o como ultima prova do seu amor, e grandeza para comvosco, guardai-o como precioso instrumento de religiosas virtudes, e respeitai-o como vaso, e orgaõ de que usou o Espirito Santo nas admiraveis operações da sua graça. Honrai neste augusto corpo as mortificações, que soffreo pelo nome de Christo. Honrai a memoria de suas constantes virtudes, e honrai nestas cinzas as sementes de huma eternidade feliz. Na sua vida doou-vos quanto pôde; e naõ tendo mais que dar, doou-vos seu mesmo corpo depois de morta.

Parece-me, 'que lá do fundo daquella Urna sôa huma voz clara, e agradavel, que penetran-

do o mais intimo do nosso espirito, nos falla assim = *Este he o lugar, que escolhi para o meu descanso: nelle habitarei até á consummação dos seculos.* = (1)

Abobadas deste Templo, aonde soáraõ os gemidos desta innocente pomba, pavimento santo, tantas vezes humedecido com as suas lagrimas, Sagrados Altares, aonde subio o incenso das suas orações fervorosas, vós sereis os eternos padrões das suas virtudes.

Amados filhos, não choreis a morte desta incomparavel Rainha; chorai em vós a falta de imitação das suas virtudes. Louvai aquelle Deos, cuja graça poderosa influio nas boas obras de Sua Magestade: e se nós descemos ao valle para subirmos aos montes, quem sabe se ella desceo ao sepulchro para subir aos Altares?

No entanto, amados filhos, adoremos a providencia daquelle Deos, que levando para si a melhor Mãe, e a melhor Rainha, deixou-nos o melhor dos Filhos, e o melhor dos Reis. Sem differença de character, nem desigualdade de virtudes, nós gozamos a perfeita imagem de taõ Augusta Rainha; imagem tanto mais aperfeiçoada, quanto mais consideramos em Sua Magestade o Pai da Patria, o amigo dos homens, as

(1) Hæc requies mea in sæculum sæculi: hic habitabo, quoniam elegi eam. P. S. 117.

delicias dos Portuguezes, o Protector da liberdade, o modelo dos Reis, e o centro da uniaõ. Portuguezes, quem tem hum Rei como nós?.. As nações todas o invejaõ, e a Europa o admira. Só nós o possuímos, e nós sómente o gozamos. Amai-o, respeitai-o, e adorai-o.

Mas... Ah!. Não interrompamos esta lugubre cerimonia: continuemos a funebre liturgia, para expiar as faltas, e purificar as fezes daquelle ouro, que deve esmaltar o Throno de Deos. Sim, concluamos os religiosos suffragios por Sua Magestade, para se anniquilarem defeitos, de que os Santos não foraõ izemptos: e unidos todos em corpo mystico, digamos sobre o Tumulo = *Requiescat in pace.*

F I M.



F.C.S.A.

7-11-76

$\frac{1}{0}$

